

## O belo sob o domínio da indústria cultural

Temos observado atualmente na sociedade brasileira, a proliferação dos mais diversos tipos de academias para atender a um número crescente de indivíduos que as procuram para realizar atividades esportivas. A indústria cultural, mediante diversas produções como telenovelas, revistas e filmes, tem difundido amplamente as academias como meio para se alcançar os padrões estéticos e salutareos considerados, respectivamente, ideais para a constituição da beleza corporal e do bem-estar físico e psíquico dos indivíduos.

O conceito de indústria cultural, desenvolvido por Horkheimer e Adorno na obra *Dialética do esclarecimento*, publicada em 1947, com o intuito de diferenciá-lo do termo cultura de massa, é reiterado por Adorno, nos seguintes termos:

Em nossos esboços tratava-se do problema da cultura de massa. Abandonamos essa última expressão para substituí-la por “indústria cultural”, a fim de excluir de antemão a interpretação que agrada aos advogados da coisa; estes pretendem, com efeito, que se trata de algo como uma cultura surgindo espontaneamente das próprias massas, em suma, da forma contemporânea da arte popular. Ora, dessa arte a indústria cultural se distingue radicalmente. Ao juntar elementos de há muito correntes, ela atribui-lhes uma nova qualidade. Em todos os seus ramos fazem-se, mais ou menos segundo um plano, produtos adaptados ao consumo das massas e que em grande medida determinam esse consumo. (Adorno, 1971, p. 287)

Devido, principalmente, ao intenso aprimoramento da técnica, a crescente necessidade de acúmulo e expansão do capital, as produções culturais assumiram uma forma peculiar na sociedade contemporânea, caracterizadas pela produção globalizada e em série nos moldes industriais. Uma grande quantidade de objetos

foi produzida e gerou novas necessidades nos indivíduos, resultando no consumismo necessário à perpetuação do capital.

A prática de exercícios em academias poderia ser citada como exemplo desses novos tipos de necessidades, principalmente se considerarmos o fato de os indivíduos tenderem a levar uma vida mais sedentária devido às inúmeras comodidades propiciadas pelo desenvolvimento tecnológico, como aquelas relacionadas aos meios de transporte, trabalho e entretenimento.

Aliada a isso, tem-se a ingestão de diversos tipos de bebidas e alimentos com alto teor calórico que colaboram para que os indivíduos, em razão desses hábitos, necessitem reduzir os efeitos negativos provocados, entre eles: aumento nos níveis de colesterol, triglicérides, glicose e peso.

De uma forma ou de outra, principalmente por meio de propagandas, ao mesmo tempo que a cultura estimula hábitos nocivos e cria objetos cujo uso abusivo pode causar danos à saúde, ela também fornece os meios que podem reduzir seus impactos. Se por um lado, há o imperativo do “goze! beba e coma a vontade”, do outro, temos a presença da disciplina e do autocontrole, representados por dietas, exercícios físicos e cirurgias plásticas.

As academias são um dos fortes ramos do mercado estético que procuram aliar saúde à beleza. Entre eles, podem ser citados: cirurgias plásticas, produtos para limpeza de pele, medicamentos para retardar o processo de envelhecimento.

Além de beleza e saúde, existe um terceiro objetivo marcante na procura de academias pelos indivíduos, que é o entretenimento. Juntos, esses três objetivos determinam a especificidade das academias em relação aos outros ramos da indústria estética.

O desenvolvimento da ciência e mais especificamente da medicina foi muito importante para melhorar a qualidade de vida e aumentar a longevidade dos indivíduos. Seria problemático, se o aumento da longevidade do ser humano, propiciado pelas descobertas científicas, não fosse acompanhado por uma melhora geral na qualidade de vida dos indivíduos.

Considerando que, atualmente, a sociedade tem condições objetivas que permitem aos indivíduos um maior tempo de vida, é importante também que tenham ao seu alcance meios que lhes possibilitem desfrutá-la de maneira mais saudável e prazerosa possível.

A apreciação da beleza quer corporal quer artística é uma forma de prazer conquistada ao longo da história pela civilização mediante a diminuição da necessidade de se voltar a todo momento para atividades envolvendo a sobrevivência.

O nível de desenvolvimento tecnológico alcançado pela civilização, representado pela produção do excedente e a criação de máquinas capazes de realizar com maior rapidez e eficiência os trabalhos feitos diretamente pelo homem, poderia proporcionar uma série de benefícios que não se concretizou. Entre eles, princi-

palmente nos países do terceiro mundo, uma redução significativa do tempo gasto com o trabalho que possibilitasse aos indivíduos disporem de maior parte do seu tempo para a realização de atividades não relacionadas diretamente com a sobrevivência, como a fruição estética.

No entanto, a perpetuação da dominação do homem pelo homem continuou sendo um empecilho para a liberdade dos indivíduos; a apreciação estética bem como o acesso aos seus padrões se mantiveram como gozo de poucos.

Na obra *A ideologia da sociedade industrial*, Marcuse menciona que esse tipo de repressão imposto pela sociedade industrial gerou falsas necessidades nos indivíduos. Falsas por não condizerem com determinadas condições objetivas alcançadas nos países desenvolvidos, que poderiam, mediante os recursos tecnológicos, atenuar o sacrifício humano para a garantia da sobrevivência.

A crítica de Marcuse era fundamentalmente em relação à manutenção do trabalho árduo e alienado a que os indivíduos se encontravam submetidos. O mundo já não teria mais tanta necessidade de que o homem permanecesse sob o jugo do trabalho. Já poderíamos ter outros tipos de necessidades que não estivessem relacionadas de maneira tão intensa com a manutenção da vida.

Para Marcuse, a distinção entre falsas e verdadeiras necessidades deve ser pensada historicamente e em última instância feita pelos próprios indivíduos, desde que esses consigam atingir determinado grau de autonomia para poder discriminá-las.

Para qualquer percepção e consciência, para qualquer experiência que não aceite o interesse social predominante como a lei suprema do pensamento e do comportamento, o universo de necessidades e satisfações estabelecido é fato a ser questionado – discutido em termos de veracidade e falsidade. Esses termos são totalmente históricos, e sua objetividade é histórica... Em última análise, a questão sobre quais necessidades devam ser falsas e verdadeiras só pode ser respondida pelos próprios indivíduos, mas apenas em última análise; isto é, se e quando eles estiverem livres para dar a sua própria resposta. Enquanto eles forem mantidos incapazes de ser autônomos, enquanto forem doutrinados e manipulados (até os seus próprios instintos) a resposta que derem a essa questão não poderá ser tomada por sua. (Marcuse, 1979, p. 27)

Em razão de a autonomia dos indivíduos estar seriamente comprometida, a ponto de serem facilmente manipulados pelas propagandas, não temos dúvidas de que a distinção entre necessidades falsas e verdadeiras tem se tornado muito complicada na sociedade contemporânea.

Em relação à prática de academias, tal discussão suscita algumas questões, como: caminhar diariamente durante alguns minutos em uma esteira para reduzir

o nível de colesterol pode ser considerada uma necessidade mais verdadeira do que passar algumas horas praticando exercícios em aparelhos de musculação, com a finalidade de ter um corpo considerado belo?

Penso que diante de uma sociedade que valoriza a aparência até a ponto de torná-la um importante subsídio para a disputa empregatícia, a resposta a essa questão é negativa. Segundo Edmonds:

Inicialmente, a justificativa da cirurgia plástica como necessidade profissional só era usada por aqueles cuja carreira dependia da aparência. Mas esta defesa foi mais tarde generalizada quando a aparência passou a ser considerada essencial em quase qualquer carreira. Pessoas bonitas de ambos os sexos ganham cerca de 5% a mais por hora, mesmo na mesma ocupação, como descobriram os economistas Hamermesh e Biddle (1994), num estudo do mercado de trabalho norte-americano. Artigos sobre homens, executivos de empresas, que fazem rejuvenescimento facial e lipoaspirações indicam que a cirurgia plástica pode ser um meio de manter a vantagem num ambiente de trabalho cada vez mais competitivo. (Edmonds, 2002, p. 222)

É certo que frequentemente não podemos separar a saúde da beleza, pois, as diversas formas de atividades físicas, além de proporcionarem condicionamento físico, constituem-se como meio para se alcançar determinados padrões de beleza. Porém, muitas vezes, essas atividades são realizadas de tal modo que acabam se opondo à própria saúde, principalmente quando são praticadas excessivamente e associadas com dietas descontroladas ou ingestão de drogas.

A discussão sobre saúde e beleza não pode deixar de mencionar um importante elemento que as entrelaçam tenazmente, a saber: sua relação com a morte. Essa relação já se encontra representada na técnica que fragmenta o corpo, reificado pela dominação, constituindo-o como algo manipulável e subtraído do espírito.

A medicina especializou-se de tal maneira que acabou por desintegrar ainda mais o indivíduo. Aos olhos de muitos profissionais dessa área, não existe uma pessoa que necessita de ajuda, mas determinada parte do corpo adoece. É o coração, o pulmão, os olhos ou outros órgãos que precisam ser tratados.

Na obra *O nascimento da clínica*, Foucault trata das mudanças epistemológicas envolvendo o conhecimento médico no século XIX em que a “medicina dos sintomas, pouco a pouco, entrará em regressão, para se dissipar diante da medicina dos órgãos, do foco e das causas, diante de uma clínica inteiramente ordenada pela anatomia patológica” (Foucault, 2001, p.139).

A observação dos sintomas apresentados pelo doente não era mais fundamental para a compreensão da patologia. Para conhecer a doença, o médico deveria saber a sua exata localização, isto é, de que parte do corpo ela se originava.

O corpo vivo não permitia esse tipo de observação, visto que a causa estava encoberta pelos próprios sintomas. A solução para essa questão estava na observação do resultado final da evolução patológica, ou seja, na observação da morte, mediante a dissecação de cadáveres.

Para compreender os mecanismos que interferiam negativamente na vida, o olhar clínico volta-se para a morte e a visão do conjunto passa a ser uma visão de fragmentos orgânicos.

Na percepção anatômica, a morte é o ponto de vista a partir de que a doença se abre à verdade; a trindade vida-doença-morte se articula em um triângulo cujo ápice culmina na morte; a percepção só pode apreender a vida e a doença em uma unidade na medida em que ela investe a morte em seu próprio olhar. (Foucault, 2001, p. 181)

Tal concepção médica ainda se faz presente na atualidade e seus efeitos se estendem para os diversos ramos que têm como objetos a saúde e a beleza.

Os indivíduos precisam estar aptos para se integrarem à sociedade. O coração deve bater mesmo que seja sem alegria e vontade de viver; os olhos devem ver cegamente as injustiças que se perpetuam infinitamente; o pulmão deve ser capaz de inspirar o ar poluído das grandes metrópoles e devolver passivamente o veneno inalado; a pessoa deve parecer feliz, mesmo às custas da dependência química aos antidepressivos.

Seios avantajados e firmes, abdômen definido, pernas fortes, pele bem cuidada são alguns atributos que se interligam para determinar a concepção de beleza e saúde corporal. Corpo “sarado” é o termo que se refere a essas duas dimensões. “Esculpir”, “malhar” são outras expressões que não deixam dúvidas sobre a forma como o corpo é considerado: coisa, matéria passiva a ser transformada.

As próprias palavras revelam o desrespeito por aquilo que tantos cuidados lhe são dispensados: o corpo. Ao se espelhar na máquina e no modelo da medicina anátomo-clínica, o homem automatizou-se e antecipou, em sua vida, a morte, tão prezada pelos anatomistas para a compreensão dos processos vitais. Cindido do espírito, o corpo passa a obedecer aos mesmos princípios que o sujeito acredita governarem os objetos, ou melhor, a natureza.

A rigidez que ele vê na natureza e nos cadáveres dissecados passa a ser objeto de mimese. Percebendo-se como natureza, o sujeito estende a dominação para si e se torna tão rígido quanto pretensamente considera o universo natural. Dureza que transparece nas exigências estéticas atuais, caracterizadas pela firmeza e rigidez corporal.

O preço pago pela retirada do encanto da natureza é o desencantamento de si mesmo e das relações pessoais. Horkheimer e Adorno relacionam as afinidades

de beleza e saúde com a morte, referindo-se aos alemães na época do nazismo. Sem dúvida, tal asseveração também diz respeito às relações com o corpo no mundo contemporâneo. Em suas palavras:

Os que na Alemanha louvavam o corpo, os ginastas e os excursionistas, sempre tiveram com o homicídio a mais íntima afinidade, assim como os amantes da natureza com a caça. Eles vêem o corpo como um mecanismo móvel, em suas articulações as diferentes peças desse mecanismo, e na carne o simples revestimento do esqueleto. Eles lidam com o corpo, manejam seus membros como se estes já estivessem separados. A tradição judia conservou a aversão de medir as pessoas com um metro, porque é do morto que se tomam as medidas – para o caixão. É nisso que encontram prazer os manipuladores do corpo. Eles medem o outro, sem saber, com o olhar do fabricante de caixões, e se traem quando anunciam o resultado, dizendo, por exemplo, que a pessoa é comprida, pequena, gorda, pesada. Eles estão interessados na doença, à mesa já estão à espreita do comensal, e seu interesse por tudo isso é só muito superficialmente racionalizado como interesse pela saúde. A linguagem acerta o passo com eles. Ela transformou o passeio em movimento e os alimentos em calorias, de maneira análoga à designação da floresta viva na língua inglesa e francesa pelo mesmo nome que significa também “madeira”. Com as taxas de mortalidade, a sociedade degrada a vida a um processo químico. (Horkheimer e Adorno, 1985, p. 219)

É interessante observar que geralmente a descrição de uma pessoa obedece a essa regra de medidas – alto, gordo, magro, baixo – ou a outros elementos constitucionais como a cor dos olhos e da pele. Na maioria das vezes, essas características são estáticas e atribuídas ao indivíduo como se referissem efetivamente a coisas, porém, felizmente, ainda não dão conta de defini-lo.

As técnicas voltadas para a estética corporal avançaram muito no mundo contemporâneo e tendem a se desenvolver ainda mais. Quantas coisas incríveis, a medicina estética e as cirurgias plásticas realizam com tal perfeição, que talvez nem mesmo filmes de ficção científica do passado ousavam mostrar.

Exemplos não faltam: botóx para retirar rugas e esticar a pele; implante de silicone nos seios para enrijecê-los ou aumentá-los; transplante de cabelo que resolveu uma das preocupações estéticas masculinas mais antigas; intervenções cirúrgicas para corrigir determinadas partes do corpo que destoam dos padrões convencionais.

Contudo, a concepção de beleza deveria ser mais ampla, no sentido de levar em consideração o indivíduo como um todo e não se restringir a determinados fragmentos corporais.

A crença fetichista de que o belo se constitui exclusivamente na modificação de elementos físicos específicos, como se esses atributos tivessem autonomia sobre o indivíduo e pudessem por si só caracterizá-lo, resulta na constituição de uma beleza morta, pois, o que conta são fundamentalmente as medidas e a aparência associadas a determinados padrões definidos *a priori*. Tais características que definem a beleza são ideais e externas em relação ao sujeito.

A propaganda não deixa dúvidas: “Para se ter um corpo belo e saudável faça... adquira...”. O corpo torna-se algo que pode ser comprado e possuído de forma similar a qualquer outro objeto.

As técnicas estéticas incitam e, dentro de seus limites, tentam atender o desejo de manter o indivíduo eternamente jovem. Desejo relacionado ao medo do envelhecimento, característico da sociedade ocidental.

O controle da aparência passa a ser o tão sonhado domínio da vida, mas paradoxalmente só podemos dominar plenamente aquilo que está morto, aquilo que não tem uma dinâmica própria. Nesse sentido, a vida se torna uma hipóstase.

Esquece-se que a magia da vida também está no movimento. E é exatamente o controle das marcas deixadas pelo tempo, o “congelamento do sujeito” que é um dos objetivos marcante das técnicas estéticas.

O jeito de andar, falar, sentir, agir e a experiência acumulada ao longo da vida, exposta nas rugas faciais, são elementos que, além da aparência física, também compõem esse todo.

Somente o que é vivo está em contínua transformação. A ideia de juventude, que traz consigo a força e a vontade de viver, tem se atrelado quase que exclusivamente ao fato de se ter um corpo com aparência jovial. A vida efetiva, não a sua paródia, extrapola a aparência.

Cabe também, a crítica política aos padrões estéticos no que se refere ao seu acesso. Poucos indivíduos, se considerarmos o fato de grande parte da população mundial viver abaixo da linha da pobreza, têm acesso a tais conquistas.

De maneira semelhante a outras épocas, como na Grécia antiga, a conquista e contemplação da beleza têm sido objeto de uma classe restrita. A sociedade atual ainda continua estruturada por classes e dirigida por interesses particulares que não se converteram em benefícios comuns. Todos deveriam se beneficiar com o avanço da ciência.

Por outro lado, a pressão social exercida sobre os indivíduos para se identificarem com os modelos veiculados pela indústria cultural, representantes dos padrões estéticos contemporâneos, é grande para todos; tanto para os que podem quanto para aqueles que não podem usufruir dos meios necessários para a aproximação desses padrões. Em relação à presença desses padrões na vida das mulheres, Malysse afirma:

Se as revistas só pregam o modo de vida das classes dominantes e um modelo de comportamento corporal que remete às camadas superiores da hierarquia social brasileira, nem por isso são menos lidas pelas mulheres das classes populares... E é desse modo que as representações da *corpolatria* circulam por toda a sociedade brasileira. (Malysse, 2002, p. 102)

Tal pressão ocorre principalmente por meio dessa homogeneização. Considerando-se as telenovelas como exemplo, pode-se notar certa padronização estética dos atores, pois, parte significativa deles não possui formação em artes dramáticas, mas provém da carreira de modelo. Até mesmo o sotaque dos atores provenientes de outras regiões brasileiras, desde que a trama não esteja situada em um determinado contexto regional, precisa ser adaptado ao do chamado eixo Rio – São Paulo.

Com a constante presença da indústria cultural no cotidiano dos indivíduos, os padrões estéticos tendem para a homogeneidade. O cinema de Hollywood, assim como outros meios de entretenimento, certamente tem uma influência mundial na determinação desses padrões.

É possível que essa seja uma diferença fundamental da sociedade contemporânea, se comparada a outras épocas, no que diz respeito aos padrões estéticos; pois se, no passado, determinados atributos eram considerados mais belos do que outros conforme a cultura de um determinado povo, na atualidade, a indústria cultural tem o poder de divulgar os padrões estéticos para uma faixa mais ampla de pessoas, extrapolando os limites geográficos das nações.

Essa pressão reflete na formação dos indivíduos e alimenta o desejo de adquirirem aquilo que lhes é apresentado como belo. Ao se identificarem com alguns ideais estéticos, os próprios indivíduos desenvolvem atitudes de menosprezo pelas características que destoam desses padrões, no sentido de ridicularizá-las.

O domínio que os padrões estéticos exercem sobre os indivíduos não é imediato, mas se constitui por meio de atitudes sutis, mediatas e, às vezes, até violentas de controle social. Sua forma pode ser uma violência dissimulada ou explícita empregada pelos indivíduos contra si, experimentada como vergonha, e contra os outros, exprimida como gozação, com o intuito de zombar da suposta inferioridade estética alheia.

O sarcasmo frente aos “gordinhos”, o preconceito contra os negros e deficientes são algumas das atitudes que poderiam ser mencionadas para exemplificar certa forma de “totalitarismo estético”.

O conjunto desses fatores tem fomentado uma obsessão estética representada pela exacerbada procura dos padrões de beleza difundidos pela indústria cultural. Isso reflete alguns elementos valorizados na sociedade contemporânea, entre eles: a concepção de beleza fundamentada mais na igualdade estética entre

os indivíduos do que por aquilo que os distinguem; a super-estimação da aparência física em detrimento do espírito, em que a exibição dos atributos externos frente ao olhar do outro, converte-se em gozo narcísico; a aversão pelo processo de envelhecimento, que em última instância, revela o medo da morte e quanto os indivíduos precisam se conservar a fim de, supostamente, virem a experimentar, no futuro, a felicidade e o prazer que não conseguem obter no presente.

Como a concepção de beleza tem se constituído predominantemente de forma heteronômica, reduz a possibilidade de o belo se concretizar no particular. Se a parte é subjugada pelo todo, dificulta-se a formação de indivíduos autônomos, no sentido de que eles sejam o fim, isto é, que tenham as condições necessárias para o desenvolvimento de sua subjetividade.

Aquilo que a sociedade coloca como belo é aceito, na maioria das vezes, como se fosse uma apreciação autônoma do sujeito, quando, efetivamente, é a ele imposta. O conceito de beleza que é constituído historicamente e produzido por determinadas condições materiais, converte-se em algo inteiramente natural na sociedade administrada.

Contudo, apesar de desejar, a maior parte dos indivíduos não consegue se aproximar efetivamente desses padrões, quer por não gostar de exercícios físicos quer devido a suas próprias limitações físicas, como a estatura. Outras dificuldades poderiam ser citadas, como o fato de serem poucas as pessoas que dispõem de tempo livre e condições financeiras para passar algumas horas exercitando o corpo nas academias ou se produzindo em salões de beleza.

O que muitas vezes acaba restando a esses indivíduos, é o prazer de ver o desfile de corpos esculpidos nos diversos meios de comunicação. Dessa forma, a expressão de pulsões voyeur tem se tornado mais comum se comparadas às exibicionistas.

